

## A RELAÇÃO ENTRE A FÉ CRISTÃ E OS POBRES NA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

### The relationship between Christian faith and the Poor in Liberation Theology

*Paulo Sérgio Lopes Gonçalves \**

**RESUMO:** Neste artigo, objetiva-se apresentar teologicamente a relação entre fé cristã e os pobres na teologia da libertação. Para atingir este objetivo, apresentou-se a identidade desta teologia e a tensão apresentada na mencionada relação. Em seguida, os pobres foram conceituados a partir da premissa do uso da filosofia e de outras ciências na elaboração da teologia da libertação. Após essa conceituação abordou-se hermeneuticamente a relação entre fé cristã e os pobres, analisando o significado de Fundamento e de círculo hermenêutico aplicado a esta teologia. Conclui-se que a libertação é uma verdadeira hermenêutica da esperança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fé cristã, Teologia da libertação, Pobres, Hermenêutica.

**ABSTRACT:** The objective of this work is to show the relationship between Christian faith and the poor in liberation theology. To achieve this objective, the identity of this theology was presented along with the tension of the mentioned relationship. Then the poor were established from the premise of the use of philosophy and other sciences in the development of liberation theology. After this conceptualization the article treated hermeneutically the relationship between Christian faith and the poor, analyzing the fundamental meaning and the hermeneutical circle applied to this theology. The article concludes that liberation is a true hermeneutics of hope.

**KEYWORDS:** Christian faith, Liberation Theology, Poor, Hermeneutics.

---

\* Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Campinas, SP). Artigo recebido no dia 30/09/2011. Autor convidado.

## 1. Introdução

Na comemoração dos quarenta de anos de lançamento da obra “Teologia da Libertação” de Gustavo Gutiérrez<sup>1</sup> urge a necessidade de pensar sobre o significado desta teologia para a Igreja, para a ciência teológica, para os pobres e para a humanidade inteira. Trata-se de uma teologia constituída de processo histórico de várias etapas, consolidada como sistema teológico e colocada diante de desafios da pós-modernidade e da globalização que, uma vez assumidos, tornam-na ainda mais contemporânea desta época histórica<sup>2</sup>.

Um dos marcos epistemológicos fundamentais da teologia da libertação é a relação entre fé cristã e os pobres. É uma relação que não está isenta de tensões, porque traz à tona o debate sobre a constituição epistemológica e o desenvolvimento hermenêutico desta teologia que se tornou uma teologia da práxis ou uma teologia da imanência<sup>3</sup>. Isso não significa que está isenta de transcendência, mas que busca tornar a fé incisiva na história, pertinente à existência humana, principalmente na situação dos pobres da América Latina e do Caribe.

Diante do exposto e de trabalhos já realizados acerca de uma visão ampla da teologia da libertação, tenho por objetivo apresentar hermeneuticamente a relação entre fé cristã e pobres na teologia da libertação. Para atingir este objetivo, apresentei brevemente a identidade desta teologia e a tensão da relação supramencionada a partir de um debate entre teólogos da libertação. Em seguida, busquei conceituar os pobres partindo da premissa de que a teologia da libertação é uma teologia em diálogo e que, por isso, se abre à história e se utiliza da mediação da filosofia e de outras ciências. Após essa conceituação, desenvolvi conceitos de Fundamento e de círculo hermenêutico oriundos da filosofia hermenêutica e aplicados à teologia da libertação no debate aludido acima. Espero que minha contribuição amplie a visão de que a teologia da libertação está inserida no conjunto das outras teologias, porque possui identidade teológica e justifica a razão de professar a fé cristã a partir da situação hermenêutica dos pobres, *locus theologicus* contemporâneo para compreender a revelação de um Deus que é amor e que amou tanto o mundo que enviou gratuitamente o seu Filho a este mundo para tornar novas todas as coisas e para tornar novos todos os seres humanos.

<sup>1</sup> Cf. G. GUTIÉRREZ, *Teología de la liberación*, Lima: CEP, 1971.

<sup>2</sup> Cf. P.S.L. GONÇALVES, “Teologia da libertação: um estudo histórico-teológico”, in N. de SOUZA (org.), *Temas de Teología latino-americana*, São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 167-209.

<sup>3</sup> Cf. F.A. PASTOR, “El discurso del método en Teología”, *Gregorianum* 76 (1995/n.1) 69-94.

## 2. Identidade e tensão na teologia da libertação

A teologia da libertação é um complexo teológico consolidado na história da teologia contemporânea, cujas raízes se encontram na *theologia mundi* do Concílio Vaticano II, na teologia pastoral da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada em Medellín e nas teologias europeias da práxis. Desenvolveu-se uma epistemologia teológica própria que estruturou esta teologia em três momentos: o sócio-analítico, o hermenêutico e o teórico-prático<sup>4</sup>. Com isso, sustentou-se a elaboração de diversos tratados teológicos em perspectiva libertadora, resultando em um complexo teológico que gradualmente se consolidou como um sistema teológico libertador. Apresentou-se um conjunto de conceitos teológicos em perspectiva libertadora: Deus libertador, Cristo libertador, Espírito libertador, Igreja dos Pobres, sacramentaria libertadora, homem novo solidário e libertador, escatologia libertadora. Ampliou-se a perspectiva libertadora no próprio complexo teológico, propiciando a elaboração de uma teologia fundamental da libertação, teologia indígena, teologia negra libertadora, teologia feminista da libertação a partir da mulher<sup>5</sup>. Após a consolidação sistêmica, novos investimentos foram realizados no âmbito do ensaio economia e teologia e no tema da ecologia. Com isso, aprofundou-se a maneira como a teologia da libertação critica a idolatria do mercado econômico neoliberal e elaborou-se uma teologia ecológica libertadora<sup>6</sup>.

Não obstante a consolidação da teologia da libertação, surgiram críticas do magistério eclesiástico no que se refere ao uso da mediação das ciências sociais e suas consequências decorrentes. Exortou-se para que fosse usada com maior constância a doutrina social que, por sua vez, fundamentada na tradição cristã apresenta os temas da liberdade humana, da libertação social e incorrem no conceito de libertação integral, imbuído de caráter soteriológico<sup>7</sup>. No desenvolvimento de todo o debate, uma questão crucial é a relação entre fé cristã e os pobres, assumida no dinamismo hermenêutico da teologia da libertação. Assumiu-se o círculo hermenêutico, originariamente desenvolvido pelos filósofos que teorizaram sobre a hermenêutica contemporânea, para estabelecer a relação circular entre a fé cristã e os

<sup>4</sup> A nomeação desses momentos pertence a C. BOFF, *Teologia e prática: Teologia do político e suas mediações*, Petrópolis: Vozes, 1978. Por sua vez, J.B. LIBANIO / A. MURAD, *Introdução à Teologia: Perfil, enfoques, tarefas*, São Paulo: Loyola, 1996, pp. 161-196, classificam os momentos de pré-teológico, teológico e prático.

<sup>5</sup> Cf. I. ELLACURÍA / J. SOBRINO, *Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la teología de la liberación (I-II)*, Madrid: Trotta, 1990.

<sup>6</sup> Cf. P.S.L. GONÇALVES, *Liberationis Mysterium: O projeto sistemático da teologia da libertação. Um estudo teológico na perspectiva da regula fidei*: Roma: PUG, 1997.

<sup>7</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, “Instrução *Libertatis Nuntius*”, AAS 76 (1984) 876-909; ID., “Instrução *Libertatis conscientia*”, AAS 79 (1987) 554-599.

pobres. Desta forma, efetivou-se uma nova interpretação da fé a partir dos pobres que, por sua vez, foram reconstituídos a partir dessa mesma fé<sup>8</sup>.

A despeito da consistência do círculo hermenêutico, emergiu a crítica epistemológica feita por Clodovis Boff em um dos últimos de seus escritos<sup>9</sup>. Ele reafirmou a preponderância da fé positiva na articulação com o mundo dos pobres, a partir da concepção de Fundamento para compreender a fé<sup>10</sup>. O autor entende que certas formas de fazer teologia da libertação substituíram Cristo pelo pobre e desembocaram no que denomina de “pobrismo”. Com isso, a teologia da libertação perdeu sua identidade teológica para assumir uma identidade ideológica, porque fez do elemento subjetivo – o pobre – algo objetivo – a fé revelada –. Para argumentar sua crítica, o autor compreende por fundamento a *arché* da teologia efetivada como aquele elemento que é o próprio princípio de toda a teologia. A *arché* é então a fé cristológica, considerada como “princípio grande” que serve como ponto de partida e estruturante da teologia, que se encontra com o mundo dos pobres, considerado como ótica menor. Mediante esse princípio emerge uma mistagogia de iniciação cristã e de seguimento a Cristo, pelo qual se potencializa uma linguagem espiritual na teologia.

Diante desta posição, os teólogos Luis Carlos Susin e Érico João Hammes<sup>11</sup> defenderam a circularidade hermenêutica que propicia a articulação entre o caráter fiducial e o caráter experiencial da fé. Explicitaram ainda a relação entre fé cristã e pobres para a necessária passagem da *fides qua creditur* para a *fides quae creditur*. Dessa forma, relacionam-se circularmente salvação e libertação, palavra e acontecimento, transcendência e imanência. A realidade dos pobres é concebida como *locus theologicus*, expressão tomada de Melchior Cano que, ao decifrar os *loci theologici*, colocava a história como um dos lugares de onde se produz teologia. Com isso, os autores apontam para a prioridade dos pobres na ordem da salvação, para o caráter de ponto de partida desse *locus* na compreensão da universalidade da salvação e afirmam os pobres como sujeitos eclesiais e históricos, e acolhedores do Reino de Deus, realidade universal tornada visível mediante a parcialidade em favor deles.

<sup>8</sup> Cf. J.L. SEGUNDO, *Liberación de la teología*, Salamanca: Sígueme, 1976.

<sup>9</sup> Cf. C. BOFF, “Teologia da libertação e volta ao fundamento”, *REB* 67 (2007) 1001-1022.

<sup>10</sup> Ao afirmar o estatuto epistemológico da teologia da libertação, C. BOFF, “Epistemología y método en la teología de la liberación”, in *MysL I*, pp. 79-115, expôs a relação dialética da fé cristã com o mundo dos pobres, com preponderância da fé. Isenta da dialética, essa preponderância foi apresentada a partir da ideia de *arché* em Teologia, em C. BOFF, “Retorno à *arché* da Teologia”, in L.C. SUSIN, *Sarça ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*, São Paulo: SOTER / Paulinas, 2000, pp. 145-187, para avaliar a teologia da libertação.

<sup>11</sup> Cf. E.J. HAMMES / L.C. SUSIN, “A teologia da libertação e a questão de seus fundamentos. Em debate com Clodovis Boff”, *REB* 68 (2008) 277-299.

Em outro texto<sup>12</sup> que serviu como réplica a seus debatedores, Clodovis Boff afirma que ao seguir Cristo, o fiel que crê encontra o pobre e não o contrário. Trata-se de um eixo epistemológico vertical que de cima – Cristo – aponta para baixo – o pobre – e que alicerça e fundamenta toda teologia. Com isso, a “teologia genuflecta” prima sobre a “teologia reflexa” e Cristo se apresenta como o princípio operante de todo o complexo teológico, do qual o pobre é uma questão derivada. Tem continuidade a dialética afirmada pelo autor em textos anteriores, mas é consistentemente explicitada a preponderância de Cristo na relação dialética com os pobres. Cristo é a luz originária da teologia da libertação e os pobres se constituem em luz derivada, aguçada pela primeira. Mediante o rosto de Cristo se conhece o rosto dos pobres e em função da encarnação de Cristo, pela qual se tem a pobreza divina por excelência, é valorizada a pobreza dos pobres e se efetiva uma relação dialética entre Cristo e os pobres, evidenciando o estabelecimento de duas lógicas: a lógica objetiva – a de Deus – e a lógica subjetiva – a dos cristãos –. A primeira propicia a emergência da segunda, denotando que a opção pelos pobres só tem fundamento em Cristo. Primar pelo fundamento na elaboração teológica libertadora é refundar ou refontalizar a teologia da libertação para que ela tenha permanentemente sua identidade teológica assegurada.

O debate possibilita que se reflita filosófica e teologicamente a consistência, de um lado, da argumentação favorável ao Fundamento, e de outro, da argumentação correspondente ao círculo hermenêutico. Para que a reflexão não se esvazie na superfície da argumentação e permaneça no âmbito da intuição urge clarificar, ainda que brevemente, a necessidade de conceituar os pobres através da utilização necessária das ciências e da filosofia, consideradas como mediações teóricas presentes no complexo teológico libertador.

### **3. Compreender os pobres: a utilização das mediações científicas e a conceituação**

#### **3.1. A utilização das ciências e da filosofia na conceituação de pobres**

A herança do Concílio Vaticano II possibilitou à teologia da libertação não apenas apreender-se da filosofia, considerada *partner* da teologia que possibilita a compreensão do mundo em que o ser humano está situado, mas

<sup>12</sup> Cf. C. BOFF, “Volta ao fundamento: réplica”, *REB* 68 (2008) 892-927.

também das ciências ônticas<sup>13</sup>. Desta forma, em todos os seus três momentos<sup>14</sup> – sócio-analítico, hermenêutico e teórico-prático – a teologia da libertação articula a fé cristã com o mundo dos pobres e, por conseguinte, busca clarificar os conceitos presentes nesta articulação. Assim sendo, a compreensão conceitual dos pobres é realizada mediante a utilização das ciências sociais – sociologia, política e antropologia –, da história, da psicologia e da filosofia<sup>15</sup>.

A utilização das ciências sociais possibilita compreender os pobres em sua realidade social, política, econômica e cultural. Com isso, a conceituação dos pobres está relacionada à concepção de sociedade, seu funcionamento, a ação e interação dos atores sociais e o modo como a economia e a política estão estruturadas socialmente. Utilizou-se historicamente a sociologia e a política de âmbito marxista que possibilita compreender as contradições das estruturas sociais, políticas e econômicas, mas outros instrumentos analíticos – como por exemplo a teoria sacrificialista de René Girard<sup>16</sup> – da sociedade também são plausíveis e passíveis de utilização para melhor compreensão dessas estruturas em que estão inseridos os pobres e das quais emergem sua pobreza<sup>17</sup>. Mas os pobres devem ser compreendidos também pela via cultural, cuja compreensão requer o uso da antropologia<sup>18</sup>. Disso resulta um conceito de cultura que propicia superar uma visão unívoca e uniforme de cultura para recuperar as culturas autóctones historicamente oprimidas e acolher o pluralismo de produções culturais presentes na América Latina e no Caribe<sup>19</sup>.

A ciência da história possibilita compreender o conceito de história considerando os conceitos de sujeito histórico, de consciência histórica, de historicidade e de pesquisa histórica em todos os seus níveis. A utilização

<sup>13</sup> Cf. K. RAHNER, “Sul rapporto odierno tra filosofia e teologia”, in *Nuovi Saggi (V)*, Roma: Paoline, 1975, pp. 95-118.

<sup>14</sup> Cf. C. BOFF, *Teologia e prática: Teologia do político e suas mediações*, Petrópolis: Vozes, 1978.

<sup>15</sup> Cf. C. BOFF, “Como vejo a teologia latino-americana trinta anos depois”, in L.C. SUSIN (org.), *O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*, São Paulo: SOTER / Loyola, 2000, pp. 79-95; G. GUTIÉRREZ, “Situação e tarefas da teologia da libertação”, in L.C. SUSIN (org.), *Sarça ardente: Teologia na América Latina: perspectivas*, São Paulo: SOTER / Paulinas, 2000, pp. 49-78.

<sup>16</sup> Cf. H. ASSMANN, *René Girard com teólogos da libertação: Um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*, Petrópolis / Piracicaba: Vozes / Unimep, 1991.

<sup>17</sup> Cf. E. DUSSEL, “Dominazione-liberazione: un discorso teologico diverso”, *Concilium* 10 (1974) 1002-1028; ID., “Teología de la liberación y marxismo”, in *MysL I*, pp. 115-144; X. GOROSTIAGA, “La mediación de las ciencias sociales y los cambios internacionales”, in J. COMBLIN / J.I. GONZÁLEZ FAUS / J. SOBRINO (org.), *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*, Madrid: Trotta, 1993, pp. 125-144.

<sup>18</sup> Cf. C. GEERTZ, *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

<sup>19</sup> Cf. P. SUESS, “Inculturación”, in *MysL II*, pp. 377-422; M. de FRANÇA MIRANDA, *Inculturação da fé: Uma abordagem teológica*, São Paulo: Loyola, 2001; M.M. MARZAL *et alii*, *O rosto índio de Deus*, São Paulo: Vozes, 1989.

da ciência histórica na teologia da libertação possibilita recuperar a história do povo latino-americano e caribenho a partir da situação hermenêutica dos pobres. Com isso, muda-se a trajetória da descoberta da América Latina para conquista traduzida em etnocídio e genocídio, é atribuída aos pobres a condição de sujeitos históricos, constituídos de força histórica transformadora<sup>20</sup>.

A psicologia é uma ciência que tem com objeto investigativo a *psiché* humana, dividindo-se em diversas vertentes, dentre as quais se destacam a social e a analítica. Neste sentido, é possível compreender o gênero humano em seu todo psíquico constituído das dimensões masculina e feminina, criticar os mecanismos que impedem a efetiva humanização da *psiché* e trazer à tona a teoria dos arquétipos que são incisivos na compreensão dos símbolos. Na teologia da libertação, os sacramentos são marcados pela articulação entre práxis e festa<sup>21</sup> e os sacramentais estão presentes no imaginário dos pobres como energia libertadora<sup>22</sup>. Além disso, emerge a prospectiva de irrupção do feminino na constituição integral da pessoa humana, tornando-a psiquicamente libertada dos mecanismos androcêntricos que impedem a libertação integral da pessoa<sup>23</sup>.

O fato de a teologia da libertação se utilizar de mediações das ciências ônticas não significa que abdicou da mediação da filosofia. Seguindo a tradição de que a filosofia é *partner* da teologia, a teologia da libertação assume a filosofia em todos os seus três momentos de elaboração<sup>24</sup>. No momento analítico, a filosofia se apresenta no interior das ciências ônticas utilizadas para analisar a realidade dos pobres, enquanto possibilita a essas ciências estabelecerem seus critérios de constituição científica. Embora a filosofia não estabeleça tais critérios, ela possibilita a elaboração dos critérios com a necessária coerência epistemológica. Fornece também às ciências ônticas a visão de ser humano que deve estar subjacente ao respectivo estatuto epistemológico. Essa apresenta o ser humano como sujeito histórico, livre, responsável, comunitário e capaz de elaborar um *ethos* que possibilite a boa convivência. Ademais, a filosofia apresenta também o ser

<sup>20</sup> Cf. C. BOFF / J. PIXLEY, *Opção pelos pobres*, Petrópolis: Vozes, 1987; V. PAGLIA, *Storia dei poveri in Occidente: Indigenza e carità*, Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1994.

<sup>21</sup> Cf. F. TABORDA, *Sacramentos, práxis e festa: Para uma teologia latino-americana dos sacramentos*, Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>22</sup> Cf. V. CODINA, *O Credo dos pobres*, São Paulo: Paulinas, 1997.

<sup>23</sup> Cf. I. GEBARA, *Teologia em ritmo de mulher e Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas*, São Paulo: Paulinas, 1994; R.M. MURARO / L. BOFF, *Feminino e masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças*, Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

<sup>24</sup> Cf. E.D. DUSSEL, *Filosofia da libertação: Na América Latina*, São Paulo / Piracicaba: Loyola / Unimep, 1977; A. GONZÁLEZ, "El significado filosófico de la teología de la liberación", in COMBLIN / GONZÁLEZ FAUS / SOBRINO (org.), *Cambio social*, pp. 145-160.

humano como um ser de transcendência, capaz de mergulhar no mistério de sua vida para se encontrar com o que se denomina teologicamente Deus. Com isso, tem-se o conceito de ser humano como pessoa que está no mundo estando com os outros seres humanos, estabelecendo relações comunitárias, desenvolvendo sua liberdade e mergulhando no mistério de sua vida para encontrar-se com Deus e experimentar a comunhão plena de vida<sup>25</sup>.

A filosofia é o espírito do desenvolvimento do momento hermenêutico. A filosofia hermenêutica na era contemporânea assumiu a característica de ser um conjunto de regras epistemológicas para a compreensão de textos e de eventos históricos, para ser fundamento das ciências humanas, para elaborar uma ontologia fundamental de cunho existencial, para buscar a verdade em amplo processo dialógico de compreensão e interpretação, e para se efetivar como hermenêutica textual, simbólica e da ação<sup>26</sup>. A teologia recepcionou a hermenêutica filosófica ao assumir a categoria história para pensar a revelação e a fé e, por conseguinte, para teorizar sobre a tradição cristã, o ecumenismo, o diálogo inter-religioso, o caráter prático da teologia e assumiu a feição de uma teologia hermenêutica e de uma hermenêutica teológica<sup>27</sup>.

Na teologia da libertação, a hermenêutica de espírito filosófico está presente na teoria do círculo hermenêutico para efetivar o processo de compreensão e de interpretação da revelação de Deus e da fé situada no *locus* dos pobres. Com isso, as duas polaridades – os pobres e a fé – se relacionam circularmente e os textos bíblicos, a tradição cristã em especial os dogmas, são compreendidos e interpretados em relação com a vida dos pobres, marcada por opressão e por seu potencial libertador. Dessa circularidade surgem os conceitos fundamentais da teologia da libertação, marcados tanto por aquilo que se inferiu da fé escutada a partir da Escritura e da Tradição quanto pela vida dos pobres em sua totalidade. Isso se torna possível porque a circularidade promove o diálogo de horizontes e nesse diálogo os horizontes se fundem<sup>28</sup>.

A filosofia é importante também para conceituar práxis, elemento fundamental no momento teórico-prático, embora circunde constantemente nos

<sup>25</sup> Cf. P.S.L. GONÇALVES, *Ontologia hermenêutica e Teologia*, Aparecida: Santuário, 2011, pp. 23-58.

<sup>26</sup> Cf. R. PALMER, *Hermenêutica*, Lisboa: Edições 70, 1999.

<sup>27</sup> Cf. R. GIBELLINI, *La teologia del XX secolo*, Brescia: Queriniana, 1992, pp. 57-84; P.S.L. GONÇALVES, *Questões contemporâneas de teologia*, São Paulo: Paulus, 2010, pp. 13-56.

<sup>28</sup> Cf. P.S.L. GONÇALVES, “O círculo hermenêutico na teologia da libertação”, in G. DE MORI / E. CRUZ (org.), *Teologia e ciências da religião: A caminho da maioria acadêmica no Brasil*, Belo Horizonte / São Paulo: PUC-MINAS / ANPTECRE / Paulinas, 2011, pp. 175-198.

outros momentos. Enquanto conceito, práxis é referente à ação que, para ser reconhecida como tal, necessita ser incisiva, tornar-se realidade recepcionada e vivida. A práxis é a realização da teoria e o suporte material da teorização de si mesma. Sem a práxis a teoria fica esvaziada, não incide na história e a realidade se torna imutável, estagnada, isenta de movimento. Por isso, a palavra teológica só tem efetividade se se tornar uma palavra vivida, praticada, experimentada e sustentada por uma teoria que só tem sentido quando praticada. Ao conceituar práxis, a filosofia hermenêutica possibilita compreender e interpretar a realidade de opressão, a alienação dos pobres, sua força histórica e seu potencial, mesmo que isso implique a movimentação de outras ciências ônticas<sup>29</sup>.

Conforme o exposto, através da mediação da filosofia e das ciências é possível a compreensão dos pobres de modo amplo, a fim de que o discurso teológico não assuma uma visão reduzida de pobres e não consiga desenvolver autenticamente sua identidade teológica. Por isso, a compreensão de pobres ou de pobreza adquire amplitude e se torna importante no funcionamento do Fundamento e do círculo hermenêutico, para que ambos não estejam isentos de uma espiritualidade libertadora.

### **3.2. Pobreza: real, espiritual e compromisso de solidariedade**

A teologia da libertação apresenta três blocos de pobreza: a real, a espiritual e a de comprometimento compassivo e solidário<sup>30</sup>.

A pobreza real é definida como econômica, cultural, de gênero e novos pobres. A pobreza econômica é concebida como carência de bens materiais necessários à sobrevivência básica dos seres humanos. Essa carência não provém da preguiça de pessoas para trabalhar, mas do processo sistêmico em que a lógica econômica produz a exploração da força de trabalho e a injustiça social, gerando inúmeras pessoas empobrecidas com baixos salários, inadequados à sobrevivência, e pessoas com privações de moradia, de terra, de trabalho e de educação. Muitos pobres vivem em total marginalização, exclusão e morrem prematuramente. A política que fundamenta essa lógica econômica legitima o sistema que gera poucos ricos e muitos pobres, cujo clamor é pela equidade, pela justiça econômica e social, pela transformação sistêmica.

A pobreza cultural é referente à situação de marginalização e até mesmo de exclusão dos índios, dos negros, dos migrantes e imigrantes pobres. Emergem discriminações e linguagens preconceituosas que propiciam a

<sup>29</sup> Cf. G. GUTIÉRREZ, *La verdad los hará libres: Confrontaciones*, 3ª ed., Lima: CEP, 1990, pp. 111-133.

<sup>30</sup> Cf. G. GUTIÉRREZ, *Onde dormirão os pobres?*, São Paulo: Paulus, 1999.

diminuição axiológica dessas culturas e políticas de exclusão social, econômica e educacional. Dessa pobreza emerge também o clamor pela inclusão, pela manifestação do caráter autóctone e valorativo intrínseco a cada cultura.

A pobreza de gênero se refere à marginalização, discriminação e exclusão da mulher. Corresponde também ao machismo uxoricida que concebe a mulher como objeto de trabalho e de prazer, presente tanto nas relações entre homem e mulher quanto em instituições midiáticas e industriais. Emerge o clamor por uma antropologia unitária que supere o dualismo entre corpo e alma e apresente a mulher também como símbolo do feminino, fundamental para uma antropologia integral do ser humano. Surge a necessidade de superar o machismo e a consequente violência, estabelecendo justiça e criando canais de efetiva libertação da mulher.

Os novos pobres são os idosos, os dependentes químicos, os deficientes, os doentes marginalizados – os leprosos, os aidéticos, por exemplo – ou em função da economia ou em função do preconceito excludente. Evidencia-se a ampliação do conceito denominado de “pobreza”, superando o determinismo econômico, político e social. Emerge, então, o clamor pela valorização da vida, pela compaixão com os sofredores e almeja-se a construção de uma lógica de inclusão que propicie a transformação do sistema de exclusão em um sistema de fraternidade como consequência da caridade, concretizada na misericórdia e na solidariedade.

A pobreza espiritual não tem referência com o dualismo entre matéria e espírito ou entre corpo e alma. Superando o dualismo, esta pobreza corresponde ao modo do ser humano estabelecer-se em sua vida: despojado, desprendido, livre para amar na compaixão, na misericórdia, na solidariedade, no temor de Deus e na superação do medo da morte. Na própria vida dos pobres reais encontra-se a pobreza espiritual, pois se constata entre eles a compaixão, a misericórdia e a solidariedade diante do sofrimento do doente, do desempregado, do sem-casa, do sem-terra, das crianças, mulheres e idosos marginalizados, dos índios e dos negros discriminados, das vítimas da dependência química e dos diversos tipos de violência. Esta pobreza corresponde também ao modo de viver na fé, no amor e na esperança, propiciando resistência, insistência e solidariedade. Experimenta-se uma profunda comunhão com Deus, um mergulho total em seu mistério para beber de sua água geradora de vida. Esta experiência espiritual propicia compreender o caráter soteriológico da pobreza presente no próprio Cristo, que se encarnou na história assumindo a condição humana, efetivando uma *kenosis* que encontra seu ápice na cruz, concebida como denúncia da situação de pecado presente na morte dos pobres antes do tempo e como antecipação da glória presente na ressurreição do crucificado. Desta forma, a pobreza possui um caráter teocêntrico que aponta para a gratuidade do amor de Deus em toda a sua revelação na história, prin-

cipalmente no evento Jesus Cristo<sup>31</sup>. A experiência de Deus na pobreza espiritual é experiência de seu amor gratuito que direciona ao amor ao pobre que é vítima de todo sistema que gera a pobreza real. Por isso, o pobre espiritual se despoja para amar preferencialmente os pobres reais e para contribuir na conversão dos não pobres à pobreza espiritual<sup>32</sup>.

Da pobreza espiritual emerge a pobreza como compaixão e solidariedade com os pobres reais. A experiência espiritual da pobreza é a contemplação de Deus que se compadece e se solidariza com os pobres reais. Por isso, o pobre espiritual se sente interpelado e impulsionado a compadecer e solidarizar-se com os referidos pobres criando com eles mecanismos de libertação da pobreza real. Neste sentido, cabe aqui a expressão “Igreja dos pobres”, utilizada por João XXIII<sup>33</sup>, assumida pelo Magistério eclesial latino-americano e desenvolvida na eclesiologia libertadora. Trata-se de uma Igreja comprometida totalmente com os pobres, engajada na construção de estruturas sociais justas, fraternas e marcadas pela solidariedade. Isso não significa que a Igreja seja favorável à luta de classes ou que assuma uma determinada ideologia filosófica arriscando-se a esgotar sua escatologia na história, mas implica à Igreja compreender o caráter teocêntrico e cristocêntrico da opção pelos pobres e, impulsionada pelo Espírito que a inspira, se colocar no lugar dos pobres para estar com os pobres, ser como os pobres e ser dos pobres. Desta forma, a Igreja dos pobres é o modo de a Igreja exprimir sua fidelidade a Cristo, enquanto é sacramento de salvação universal na história concreta em que os seres humanos vivem o abismo entre riqueza e pobreza; um abismo em que os pobres elevam o seu clamor pela justiça, pela libertação, pela vida. Além disso, a Igreja dos pobres é também um lugar teológico em que o amor universal de Deus é vivido como pobreza, despojamento, simplicidade, humildade, compaixão, solidariedade, práxis histórica libertadora<sup>34</sup>.

Ao definir pobres a partir destes três níveis de pobreza – real, espiritual e compromisso de compaixão e solidariedade – abre-se à pergunta: de que modo estas concepções têm consistência na fé cristã? A despeito das definições já conterem elementos da fé cristã, torna-se necessário refletir sobre a questão do círculo hermenêutico que possibilita a compreensão e a interpretação da fé em perspectiva libertadora.

<sup>31</sup> Cf. J. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação: Pequenos ensaios utópico-proféticos*, São Paulo: Paulinas, 2008, pp. 67-120.

<sup>32</sup> Cf. G. GUTIÉRREZ, “Pobres y opción fundamental”, in *MysL I*, pp. 303-322.

<sup>33</sup> Cf. JOÃO XXIII, Mensagem de Rádio *La grande aspettazione*, AAS 54 (1962) 678-685.

<sup>34</sup> Cf. I. ELLACURÍA, “La Iglesia de los pobres, sacramento histórico de liberación”, in *MysL II*, pp. 127-155; GONÇALVES, *Liberationis Mysterium*, pp. 217-284; GUTIÉRREZ, *La verdad os hará libres*, pp. 181-218.

#### 4. *Fundamento e círculo hermenêutico*

A relação entre fé cristã e os pobres possibilita pensar o modo dessa relação e seu ponto inicial. Em termos interrogativos: como se relacionam fé cristã e os pobres? Qual é o seu início: a fé ou os pobres? A resposta a estas perguntas suscita dois temas presentes na hermenêutica filosófica: o fundamento e o círculo hermenêutico. Eles podem ser colocados em oposição um ao outro se o conceito de fundamento for aquele do *principium rationis* traduzido em teologia por *principium fidei*. Deste modo, o fundamento em teologia é o princípio da fé que sustenta o enunciado que apresenta a verdade da fé ou é a própria verdade manifestada como princípio gerador de enunciados que a apresentam. Por isso, o fundamento é também concebido como *arché* de sustentação dos enunciados representativos da verdade anunciada.

No âmbito hermenêutico, o fundamento<sup>35</sup> não é concebido como uma base ontologicamente fechada geradora de enunciados. Por estar relacionado à verdade, concebida como desvelamento do ser efetuado no dinamismo da própria história, o fundamento se relaciona ao que acontece na existência humana à medida que o ser humano desenvolve sua liberdade, defronta-se com o mundo em que habita, transcende-o criando novos mundos. Por desenvolver a liberdade, o ser humano pode ultrapassar um mundo, erigir novos mundos, projetando e construindo-os simultaneamente para fundamentar suas ações. A fé como fundamento de um complexo teológico está relacionada à sua própria verdade, cujo sentido só pode ser encontrado no dinamismo da história humana. Pois é na história que a fé se manifesta como possibilidade de vida para o ser humano, toma chão ao se enraizar e se realizar historicamente sendo contemporânea a cada época histórica, e fundamenta a sua própria inteligência e sua práxis.

A fé como fundamento na teologia da libertação é manifestada como projeto de salvação para os seres humanos que toma chão na vida dos pobres à medida que este projeto se apresenta como libertador e fundamenta o complexo teológico libertador que se consolida na práxis histórica de libertação. A tradução da fé como fundamento em perspectiva libertadora é o modo histórico de experimentar a fé no continente latino-americano e caribenho. Neste sentido, pode-se afirmar que o rosto de Cristo está presente nos diversos rostos dos pobres e que Cristo como princípio da razão teológica libertadora se corporifica na vida dos pobres, marcada por sofrimento, por morte prematura, por esperança.

<sup>35</sup> Cf. M. HEIDEGGER, "A essência do fundamento", in ID., *Marcas do caminho*, Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 134-188.

O círculo hermenêutico é o elemento que propicia a compreensão e a interpretação. Este círculo exprime a ocupação do homem no mundo, propiciando que sejam realizadas a compreensão e a interpretação. Compreender é apontar para a possibilidade de ser do homem, em sua condição de projeto que se lança no mundo compartilhado com outros homens. Não se compreende sem ocupar-se no mundo, sem situar-se nele, porque a existência humana abarca a totalidade conjuntural da vida humana. A compreensão não se esgota em si mesma, mas se estende à interpretação. Interpretar é apreender a compreensão, apropriando-se da totalidade conjuntural e colocando a pré-compreensão – a vida dos sujeitos envolvidos no processo da compreensão. O sentido daquilo que se compreende emerge à medida que a compreensão é apreendida no processo de apropriação da pré-compreensão e sua conseqüente transformação no bojo do próprio movimento de compreensão. Este sentido é manifestado mediante a linguagem que, por sua vez, denota mundo emergente da relação entre os mundos contidos no processo de compreensão<sup>36</sup>. Isto significa que a compreensão desembocada em interpretação é resultado de um processo de encontro de mundos, em que cada um possui sua pré-compreensão que se modifica dentro do próprio círculo. A eficácia do círculo está em que os horizontes que se encontram no círculo se fundem dialogicamente, uma vez que os polos em questão são diferentes um do outro e possuem histórias vitais próprias<sup>37</sup>.

A aplicação do círculo hermenêutico na teologia da libertação coloca em jogo, de um lado, a fé em Cristo que se apresenta na Escritura e em toda a Tradição eclesial – doutrinária, litúrgica, moral, pastoral –, e de outro, os pobres, considerados como lugar teológico para se fazer teologia. Por isso, quando o intérprete da fé cristã se defronta com as fontes de onde se escuta a fé – Escritura e Tradição –, sua tarefa consiste em colocá-las na relação com o mundo dos pobres. Das fontes emergem os dados referentes à fé em Cristo, e dos pobres surgem os dados referentes à sua vida em todas as dimensões. As fontes possuem uma história de compreensão e de interpretação que quanto mais distante, propicia melhor claridade acerca do mundo de cada texto de onde surgiram tais dados. Os pobres possuem uma história que os caracteriza como carentes de meios necessários à sobrevivência dignamente básica, como espirituais enquanto modo de viver e como instância de força histórica transformadora.

No círculo existem simultaneamente a distinção do modo de cada mundo e a relação entre ambos. No conjunto da operação hermenêutica, há de se considerar a pré-compreensão de cada mundo presente na história

<sup>36</sup> Cf. M. HEIDEGGER, *Ser e Tempo (I)*, Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 184-242.

<sup>37</sup> Cf. H.G. GADAMER, *Verdade e Método (I): Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / São Francisco, 2003, pp. 354-631.

hermenêutica das fontes e na configuração histórica dos pobres. No movimento circular tanto as fontes da fé quanto os pobres são modificados propiciando a emergência da compreensão e da interpretação. Disso decorre a relevância da utilização da mediação filosófica que garante o funcionamento do círculo e a mediação das outras ciências que propiciam melhor compreensão de cada mundo.

Na história das fontes da fé há de se considerar que a própria revelação testemunhada na Escritura é consequência de um processo hermenêutico, oriundo da experiência de encontro dos apóstolos com o Ressuscitado Jesus Cristo. Por isso, Ele é o princípio hermenêutico da própria Escritura. Essa experiência vivenciada pelos apóstolos constitui a revelação fundante que se tornou determinante para o processo de sua transmissão e de sua recepção ao longo da história do Cristianismo. Esse processo de transmissão e de recepção constitui a vivência contemporânea da revelação em cada época histórica<sup>38</sup>.

Ao serem colocadas em relação com os pobres situados no continente latino-americano e caribenho, as fontes da fé cristã são novamente compreendidas e interpretadas e a revelação de Deus passa a ser vista em perspectiva libertadora. Com isso, os pobres em situação de opressão e de libertação são redescobertos tanto na Escritura quanto na Tradição, principalmente na doutrina social da Igreja. Esta prima pela dignidade humana em todas as suas dimensões e, por isso, desenvolve os temas do trabalho, da habitação, da propriedade, da justiça, da personalidade solidária, da liberdade, das formas de cooperação social, dos direitos humanos, da libertação. Sua fundamentação está na Escritura, na patrística e na grande tradição teológica e eclesial<sup>39</sup>.

Na circularidade hermenêutica libertadora, Cristo é também o princípio hermenêutico por excelência, pois essa circularidade não cria uma tradição própria e isenta da totalidade da tradição eclesial e teológica. Mas este princípio aplicado, mediante as fontes da fé, no círculo hermenêutico em que se encontram os pobres, é redescoberto como Cristo pobre, compassivo, misericordioso e libertador dos pobres. Com isso, os pobres readquirem esperança e emerge uma "hermenêutica da esperança"<sup>40</sup>, em que a fé cristã está imbuída de história incisiva na práxis histórica dos pobres<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> Cf. G. O'COLLINS, *Fundamental Theology*, New York / Mahwah: Paulista Press, 1981, pp. 130-160; R. FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità: Saggio di Teologia Fondamentale*, Bologna: Dehoniane, 1994, pp. 228-327.

<sup>39</sup> Cf. R. ANTONCICH / J.M.M. SANS, *Ensino social da Igreja*, Petrópolis: Vozes, 1987; G. GORGULHO, "Hermenêutica bíblica", in *MysL I*, pp. 169-200.

<sup>40</sup> GUTIÉRREZ, *Onde dormirão os pobres?*, p. 41.

<sup>41</sup> Cf. E.J. HAMMES, "A epistemologia teológica em questão. Da dor do mundo gerar futuro", *PerspTeol* 39 (2007/n.108) 165-185.

Com a efetividade do círculo hermenêutico, a teologia da libertação emerge como uma ciência da fé simultaneamente contextualizada e universal em uma época denominada de pós-moderna em que se manifesta o “pensamento débil”<sup>42</sup>, a fragmentação do saber, uma pluralidade de micronarrativas e o pluralismo religioso. Desta forma, a teologia da libertação não se esgota em um modo único de se apresentar como complexo teológico, mas se configura em seu caráter contemporâneo trazendo à tona reflexões que em todo o processo de consolidação ainda não haviam se realizado<sup>43</sup>.

Da configuração contemporânea resulta que esta teologia se assenta na matriz da experiência religiosa cristã, mas se abre para outras experiências religiosas, visando compreender a fé cristã a partir do sincretismo e do pluralismo religioso em que os pobres estão inseridos<sup>44</sup>. Trata-se de um círculo que se abre para novos círculos – círculos concêntricos segundo a visão gadameriana<sup>45</sup> – e, por conseguinte, novas possibilidades de compreensão e interpretação da fé relacionada ao *locus* dos pobres, visando à eficácia integral desta mesma fé na vida humana<sup>46</sup>. Em todo o círculo prevalece a fé cristã na relação com os pobres, emergindo uma teologia imbuída de uma espiritualidade libertadora do seguimento de Jesus<sup>47</sup>, que leva a cabo a práxis histórica da salvação realizada na práxis histórica de libertação<sup>48</sup>. Constituída de uma espiritualidade libertadora, a teologia da libertação pode ser denominada também de uma teologia espiritual de libertação integral que propicia visualizar o modo histórico de melhor viver a utopia da fé cristã<sup>49</sup>.

<sup>42</sup> Cf. G. VATTIMO, *O fim da modernidade: Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*, São Paulo: Martins Fontes, 2002.

<sup>43</sup> Cf. P.S.L. GONÇALVES, “A teologia na cultura pós-moderna”, in N. de SOUZA, *Teologia em diálogo: Os desafios da reflexão teológica na atualidade*, Aparecida: Santuário, 2011, pp. 13-64; J.B. LIBANIO, “Religião e teologia da libertação”, in SUSIN (org.), *Sarça ardente*, pp. 79-144.

<sup>44</sup> Cf. F. TEIXEIRA, “A teologia do pluralismo religioso na América Latina”, in J.M. VIGIL / L.E. TOMITA / M. BARROS (org.), *Teologia pluralista libertadora intercontinental*, Panamá / São Paulo: ASETT / EATWOT / Paulinas, 2007, pp. 21-40.

<sup>45</sup> Cf. H.G. GADAMER, *Verdade e Método (II): Complementos e índice*, Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / São Francisco, 2002, pp. 72-81.

<sup>46</sup> Cf. L.C. SUSIN, “Os pobres como lugar teológico: Uma questão hermenêutica crucial de nosso tempo”, in SOTER (org.), *Deus e vida: Desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe*, São Paulo: SOTER / Paulinas, 2008, pp. 151-180.

<sup>47</sup> Cf. J. SOBRINO, “Espiritualidad y seguimiento de Jesús”, in *MysL II*, pp. 449-476.

<sup>48</sup> Cf. I. ELLACURÍA, “Historicidad de la salvación cristiana”, in *MysL I*, pp. 323-372.

<sup>49</sup> Cf. J.M. VIGIL / P. CASALDÁLIGA, *Espiritualidade da libertação*, Petrópolis: Vozes, 1993.

Conforme o exposto, a relação entre fé cristã e pobres, seja pelo Fundamento seja pelo círculo hermenêutico, é dinâmica. Compreender essa relação somente pela fé é desembocar em uma fé sem historicidade e sem eficácia prática. A isenção da fé nessa relação conduz a teologia da libertação a mera ideologia. A adoção do Fundamento por um teólogo na elaboração de um pensamento teológico deve expressar o dinamismo histórico da fé no mundo dos pobres, evidenciando que a transcendência se realiza na imanência e a imanência sem transcendência não possui sentido de fé. Ao adotar o círculo hermenêutico, o teólogo deve desenvolver a relação entre fé cristã e pobres sempre iluminado pela intuição mistagógica da fé, sem a qual as fontes – ou diversos modos de compreensão – da fé se esvaziam de sentido doxológico.

## 5. Conclusão

Objetivei neste artigo refletir teologicamente a relação entre fé cristã e os pobres, cuja motivação originou-se do debate entre teólogos da libertação, encontrando na epistemologia e na hermenêutica o caminho para alcançar a meta desejada. Apresentei a identidade da teologia da libertação e a tensão epistemológica e hermenêutica na relação entre a fé cristã e os pobres, a conceituação de pobres a partir da clarificação do uso das mediações das ciências e da mediação da filosofia na elaboração da teologia da libertação, e desenvolvi o significado hermenêutico de Fundamento e de círculo hermenêutico, aplicando-os à teologia da libertação.

A identidade da teologia da libertação é marcada pela relação entre fé cristã e pobres, apresentando-os como *locus theologicus* que, relacionado à fé, possibilita a elaboração de um complexo teológico pertinente e relevante para a compreensão da fé e sua incisão histórica. Para compreender essa relação é necessário que os pobres sejam conceituados em sua realidade histórica, econômica, política, social e cultural, além da conceituação no âmbito da espiritualidade e do compromisso histórico de compaixão e solidariedade. Desta forma, os pobres são os privados de materialidade da vida, excluídos dos sistemas sociais, mortos prematuramente. São também todas as pessoas que possuem um modo simples, humilde e despojado de viver. Com isso, possuem um espírito pobre que possibilita o acolhimento, o estabelecimento de relações fraternas, atitudes compassivas e de solidariedade, e de experimentar a presença de Deus. Além disso, os pobres são aquelas pessoas que se comprometem com os pobres reais e, por conseguinte, com a construção da justiça, da fraternidade, da cultura mundial da paz e da civilização do amor.

Com a conceituação ampla de pobres é possível relacioná-los com a fé cristã. Não se trata de assumir uma relação meramente vertical que possi-

bilita a isenção de historicidade na fé e de doxologia cristã no mundo dos pobres, mas em efetivar um processo que, seja pelo Fundamento seja pelo círculo hermenêutico, exprima uma teologia que apresente o pensamento referente à fé à luz da própria fé. Por conseguinte, traz à tona o Cristo que se tornou pobre, assumiu a perspectiva dos pobres e que se revela no mundo dos pobres, chamando-os ao seu seguimento para dar-lhes esperança de vida plena. Tem-se aqui uma teologia que se realiza como uma hermenêutica da esperança à medida que explicita a fidelidade histórica da fé cristã mediante a fidelidade à realidade dos pobres e que possibilita a abertura dessa realidade ao *novum* próprio da fé presente no sonho de Deus de que ninguém morrerá antes dos cem anos, que os que construírem casas as habitarão, que o lobo e o cordeiro pastarão juntos, que o leão comerá feno como o boi e que nova terra sem males e céu de fraternidade surgirão.

**Paulo Sérgio Lopes Gonçalves** é mestre em teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, Brasil, 1994), doutor em teologia (Pontifícia Università Gregoriana, Roma, Itália, 1997) e pós-doutor em filosofia (Universidade de Évora, Portugal, 2009). É docente-pesquisador em teologia e filosofia hermenêutica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Leciona as disciplinas “Teologia Fundamental” e “Deus da Revelação” no curso de Teologia, e “Filosofia Hermenêutica” no curso de Filosofia. Publicou as seguintes obras: *Liberationis Mysterium: O projeto sistemático da teologia da libertação*, Roma: PUG, 1997; *Teologia na Pós-modernidade: Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*, São Paulo: Paulinas, 2003 (em conjunto com José Antônio Trasferetti); *Concílio Vaticano II: Análise e Prospectivas*, São Paulo: Paulinas, 2004 (em conjunto com Vera Bombonato); *Questões contemporâneas de Teologia*, São Paulo: Paulus, 2010; *Ontologia Hermenêutica e Teologia*, Aparecida: Santuário, 2011.

**Endereço:** Rua Walter Schmidt, 475  
(Jardim Santa Cândida)  
13087-747 Campinas – SP  
e-mail: [paselogo@puc-campinas.edu.br](mailto:paselogo@puc-campinas.edu.br)